

A Actualidade de Vieira

Vieira's Modernity

Guilherme d'Oliveira Martins

Universidade Lusíada
Centro Nacional de Cultura

RESUMO: A figura do Padre António Vieira aparece na cultura luso-brasileira como uma referência ligada, a um tempo, à ideia moderna de emancipação e liberdade das pessoas e à apresentação de um projecto de futuro (o Quinto Império), que pretende lançar as bases de um novo modo de organizar a presença dos portugueses no mundo e a sua relação com outros povos – a partir de uma espiritualidade utópica, centrada na dignidade humana e na compreensão das diferenças. Muito se tem dito sobre Vieira e ressalta sempre a sua qualidade única de “Imperador da Língua Portuguesa”, segundo a expressão de Fernando Pessoa, que nunca regateou elogios à força extraordinária de alguém que foi muitíssimo mais do que um pregador. Vieira não se resume, nem se limita ao culto de palavras e de ideias. Por detrás desse jogo aparente, está uma corajosa defesa de ideias e de causas, que, pela sua determinação e persistência, lhe foram causando os maiores dissabores e os piores contratempos.

PALAVRAS-CHAVE: Quinto Império; Padre António Vieira; Povo Eleito; Língua Portuguesa.

ABSTRACT: Priest Antonio Vieira's character emerges in Brazilian-Portuguese culture as a reference connected, on the one hand, to the modern idea of people's emancipation and freedom and, on

the other hand, to the presentation of a plan for the future (the Fifth Empire), which intends to launch the basis of a new way of organising Portuguese presence throughout the world and its relationship with other people – based on an utopian spirituality, focused on human dignity and understanding of differences. Much has been said about Vieira and it is always emphasized its unique quality of “Portuguese Language Emperor”, in the words of Fernando Pessoa, who never bargained praise to the extraordinary strength of someone who was much more than a preacher. Vieira is not, nor is he limited, to the worship of words and ideas. Behind this apparent game, it lies a courageous defence of ideas and causes, which, due to his determination and persistence, caused him many annoyances and heavy obstacles.

KEYWORDS: Fifth Empire; Priest Antonio Vieira; Chosen People; Portuguese Language.

“Um assunto vai para um vento, outro assunto vai para outro vento, que se há-de colher senão vento”.

Sermão da Sexagésima, 1655.

A figura do Padre António Vieira aparece na cultura luso-brasileira como uma referência ligada, a um tempo, à ideia moderna de emancipação e liberdade das pessoas (de que o combate pela causa dos índios é o exemplo maior) e à apresentação de um projecto de futuro (o Quinto Império), que pretendeu lançar as bases de um novo modo de organizar a presença dos portugueses no mundo e a sua relação com outros povos – a partir de uma espiritualidade utópica, centrada na dignidade humana e na compreensão das diferenças.

Comemorar o Padre António Vieira significa, assim, invocar a memória de alguém que combateu pela liberdade e pela dignidade humana com todas as suas forças e para além daquilo que o seu tempo ajuizava. E é impressionante, à distância, nos dias de hoje, verificar como o pensamento do orador sagrado e do diplomata, apesar de marcado pelo tempo, pode ser compreendido por nós, quatro séculos depois...

Aos olhos de hoje, pode parecer-nos estranha a ideia de Quinto Império (que sucederia aos impérios assírio, persa, macedónio e romano), no entanto trata-se de uma noção inovadora, baseada no diálogo entre culturas e civilizações e na ligação entre vida económica e a criação cultural. Mais importante do que o mero domínio político e militar, para o qual Portugal não mostrou capacidade duradoura (como os “fumos da Índia” demonstraram), seria necessário um projecto universalista de índole espiritual – antecipando uma cultura de direitos humanos.

Muito se tem dito sobre Vieira e ressalta sempre a sua qualidade única de “Imperador da Língua Portuguesa”, segundo a expressão de Fernando Pessoa, que nunca regateou elogios à força extraordinária de alguém que foi muitíssimo mais do que

um pregador (“no imenso espaço seu de meditar, / Constelado de forma e de visão...”). Com o Padre Vieira, estamos perante a maturidade da língua portuguesa em prosa, cuja leitura nos dias de hoje continua a encher-nos de emoção. Foi um visionário, um diplomata, um pregador da Capela Real, um conselheiro avisado, um humanista, um lutador pelo respeito da dignidade humana, à frente do seu tempo, e um artífice, como houve muito poucos, da palavra dita e escrita. Sente-se, em cada expressão, em cada ideia, a força mágica dos encadeamentos, das repetições, das sinonímias, das contradições, dos paradoxos, das metáforas, dos símbolos, dos conceitos, do ponto e do contraponto, da proximidade e da distância (leia-se o imprescindível *A Oratória Barroca de Vieira*, de Margarida Vieira Mendes, Caminho, 1989).

Vieira não se resume, nem se limita ao culto de palavras e de ideias, por detrás desse jogo aparente, está uma corajosa defesa de ideias e de causas, que, pela sua determinação e persistência, lhe foram causando os maiores dissabores e os piores contratempos. A sua obra “é inquestionavelmente uma das manifestações mais altas da capacidade criadora do espírito lusíada, na qual estranhamente se fundem o sonho e a realidade...”, no dizer de Aníbal Pinto de Castro (*António Vieira, Uma Síntese do Barroco Luso-Brasileiro*, 1997). E é preciso ter uma força muito especial para poder manter-se actual quatro séculos depois do seu nascimento. E se digo actual, uso a palavra com o cuidado devido: não significa que possamos repetir agora o que foi dito por ele no século XVII, quer antes dizer que podemos hoje compreender, ressalvadas as distâncias de tempo e mentalidades, o que visava o padre, o orador ou o conselheiro. E percebemos bem que o que dizia e o que pensava estava muito à frente do que entendiam os seus contemporâneos (cf. João Lúcio de Azevedo, *História de António Vieira*, Lisboa, 1918-1920).

O Padre Vieira foi um homem que procurou sempre se pautar pela antecipação e pelo critério do futuro, demandando respostas para um transe muito difícil, vivido na sua época pelos

portugueses (recuperação da independência, fragilidade do novo poder, acumulação de ameaças externas no contexto da guerra dos trinta anos). Como pregador, precisava de seduzir e de mobilizar vontades, quando a sociedade estava dividida e perplexa. O império temporal vinha-se esboroando, num processo longo que vinha do último quartel do século XVI. As riquezas perdiam-se ou dissipavam-se, os “fumos da Índia” avolumavam-se, havia divisões profundas (bem evidentes na crise dinástica que Vieira sentiu directamente, sobretudo depois do desaparecimento de D. João IV). Havia, por isso, que reconstruir o império em moldes totalmente diferentes, que não padecessem das enfermidades antigas. E um império consistente teria de ser espiritual, para ser motivador e tentar combater os males da corrupção do poder e do dinheiro. E vinha à baila a antiga ideia judaica de “povo eleito”, à exigência moderna de encontro e de reconhecimento das diferenças. Eis por que razão a espiritualidade de Vieira procura ser aberta aos outros e ao futuro. E, no entanto, nota-se o risco, que mais tarde se revelará (na história das “reduções jesuíticas”, por exemplo), de um choque de projectos políticos, o do reino e o da companhia. Esse risco sente-o o próprio Vieira, ora por incompreensão política e pelo sobe e desce dos poderes, ora por ameaça dos interesses e por falta de meios para agir. Hoje, diríamos que havia uma estratégia segundo a qual seria necessário compatibilizar o humanismo universalista e uma nova ideia de império. E o Padre António Vieira retoma então o que os franciscanos espirituais (ou, antes deles, os joaquimitas) há muito defendiam, também sob a invocação do Espírito Santo. Há, assim, a audácia de pôr a tónica num projecto de autonomia e de dignidade centradas na pessoa humana, o que permite apresentar uma relação com a Providência baseada na responsabilidade. A ideia de Portugal como segundo povo eleito procura assim ser aberta ao mundo e à humanidade inteira. E, falando de audácia e atrevimento, basta lembrar o poderoso *Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as da Holanda*, dito na Igreja baiana de

Nossa Senhora da Ajuda, em Maio ou Junho de 1640 (“arrependei-vos misericordioso Deus, enquanto estamos em tempo, ponde em nós os olhos da vossa piedade, ide à mão da vossa irritada justiça, quebre vosso amor as setas da vossa ira, e não permitais tantos danos e tão irreparáveis”). Mas os exemplos multiplicam-se, com especial subtileza.

Como se sabe, o jesuíta atraiu e acumulou ódios, que juraram pela sua pele, primeiro entre os colonos brasileiros, depois na corte, entre os invejosos do lugar proeminente que assumiu junto de D. João IV, alvitando, aconselhando e agindo, e ainda na Inquisição, pela qual foi perseguido, julgado, preso e, por fim, perdoado apenas graças à intercessão papal... Leia-se o *Sermão da Dominga Vigésima Segunda depois do Pentecostes* (1649), onde, partindo de S. Mateus (“É lícito ou não pagar o imposto a César?”, 22,17), verbera a hipocrisia dos fariseus, ataca o fanatismo cego e sem caridade, e lembra os escrúpulos falsos de Pilatos, sempre a pensar nos inquisidores: “Ó julgadores que caminhais para lá com as almas envoltas em tantos, e tão graves escrúpulos de fazendas, de vidas, de honras, e cuidais cegos, e estúpidos, que essas mãos com que escreveis as tenções e com que firmais as sentenças, se podem lavar com uma pouca de água. Não há água que tenha tal virtude”. Nunca fugiu das dificuldades nem da denúncia dos erros e atropelos, como se vê bem no *Sermão do 5.º Domingo da Quaresma*, dito no Maranhão: “E se as letras deste abecedário se repartissem pelos Estados de Portugal, que letra tocaria ao nosso Maranhão? Não há dúvida que o M. M Maranhão, M murmurar, M motejar, M maldizer, M malsinar, M mexericar, e sobretudo M mentir: mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos e por todos os modos aqui se mente...”. Os *Sermões de Santo António aos Peixes*, dito ainda no Maranhão, da 3.ª *Dominga da Quaresma* e da *Sexagésima*, pregados na Capela Real, e do *Bom Ladrão*, apresentado na Igreja da Misericórdia de Lisboa (Conceição Velha), de 1654 e 1655, são bem ilustrativos da coragem acusatória de Vieira

contra abusos e injustiças: “Encomendou el-Rei D. João o Terceiro a S. Francisco Xavier o informasse do estado da Índia, por via de seu companheiro, que era mestre do Príncipe; e o que o santo escreveu de lá, sem nomear ofícios, nem pessoas, foi que o verbo **rapio** na Índia se conjugava em todos dos modos...”.

Com a Guerra dos Trinta Anos a finar-se, havia que preparar um alinhamento que permitisse uma presença segura de Portugal na nova balança europeia. Tudo iria mudar nas legitimidades e no modo de organizar os Estados. Vieira, entre o sonho e a realidade, propõe um novo modo de agir. E a justificação espiritual (que a Inquisição considerou heresia) poderia abrir novos horizontes, sobretudo através da criação de bases mais sólidas no Brasil e na Índia. A legitimidade da força tinha de ceder perante a legitimidade do espírito. Assim, o Quinto Império não era um sonho desligado da realidade nem uma ilusão centrada no território da loucura, era uma tentativa de regresso à epopeia do Quinhentos, com um repensamento estratégico, que tirasse lições dos erros cometidos. Daí o recurso à imagem do livro de Daniel da estátua que “tinha a cabeça de ouro fino, o peito e os braços de prata, o ventre e as ancas de bronze, as pernas de ferro, os pés metade de ferro e metade de barro” (Dan. 2,32) e ao prenúncio de um quinto império (frágil e forte, como o ferro e a argila), que jamais seria destruído. Assim foi concebida a *História do Futuro*, antecipada pelo *Sermão dos Bons Anos* (1.1.1642), onde as Escrituras, as profecias de S. Frei Gil de Santarém e as *Trovas* do Bandarra levaram-no a transferir o mito do Desejado de um rei morto em Alcácer-Quibir (Sebastião) para um rei vivo (João, ali presente na Capela Real). Seria nesse império que se reuniriam todos os povos sob a égide do Vigário de Cristo e sob um mesmo governo temporal do Rei de Portugal...

E se hoje recordamos o “Imperador da língua portuguesa”, estamos a usar uma acepção de império que não tem uma preocupação política ou secular. É verdade que perante o Rei D. João IV, Vieira não podia deixar de assumir uma atitude eminentemente

política. No entanto, o orador visava mais longe e pretendia mobilizar os diferentes povos para uma tarefa espiritual comum – a construção de uma sociedade universalista, assente na igualdade e na diferença, e baseada na dignidade da pessoa humana. Sendo, porém, um homem do seu tempo (com as concepções do seu tempo), conseguiu superar muitos preconceitos, através de uma excepcional capacidade de interrogar o futuro. Vieira era um sedutor. Nota-se isso na sua oratória e, na vida do dia-a-dia, pela qualidade com que foi exercendo a tarefa de atrair pessoas muito diferentes e de as influenciar ou convencer. Como personalidade multifacetada, Vieira foi um combatente pela autonomia do espírito contra a mentalidade inquisitorial. E é isso que o torna atraente para a modernidade, uma vez que a palavra se tornou com ele um factor de transformação e mudança – pelo encantamento e pela mobilização...